5.º ANO LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 1925 N.º 1231

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

HERRIOT

Nós não podemos deixar de seguir com a maior atenção o que se passa no mundo, porque a nossa crise tem muitos pontos de contacto com a que atravessam quasi todos os povos.

A França, que saiu da guerra com a convicção de que a politica é a arte de aproveitar os valores solidos e produtivos de uma nação, vendo que a vitoria não lhe assegurava um justo rendimento, despediu-se do governo de Poincaré, com o firme proposito de pedir a correntes politicas mais avançadas as soluções que a sua situação financeira imperiosamente exigia.

O triunfo das esquerdas, afirmado nas ultimas eleições legislativas, ao mesmo tempo que revelava um movimento nas ideias e sentimentos, indicava claramente que era necessario acudir com a maior prontidão a este duplo problema — baratear a vida e não agravar os impostos.

Herriot, que, pela sua maneira simpatica de traduzir o programa das esquerdas, conseguira tornar-se uma esperança dos eleitores, formou o seu governo no meio da mais benevola espectativa.

A subida dos trabalhistas ao poder, na Inglaterra, parecia destinada a facilitar-lhe a sua tarefa, no campo internacional.

Durante alguns mezes, nós vimos Ramsay Macdonald e Herriot trabalhando com inteligencia e até com o coração para reconduzirem a Europa a uma paz que lhe permitisse o renascimento do trabalho e a afirmação de sentimentos benevolos que consagrassem definitivamente o Tratado de Versailles como a ara sacrosanta duma nova era.

O plano Dawes, hoje em execução, deve-se á boa vontade dos dois ilustres estadistas.

Em Genova, num dado momento, a Inglaterra e a França quasi chegaram a estender-se as mãos, a fim de entender-se para reprimirem a barbarie que a guerra não poude jugular.

Subitamente, o gabinete trabalhista que não tomara as devidas cautelas ao entrar em negociações com a Russia e excedera os desejos do povo inglês, na Assembleia da Socidade das Nações, caía estrondosamente.

Herriot achou-se desapoiado, internacionalmente, para desenvolver algumas proposições essenciais da sua politica, limitando-se a manter e com bastante dificuldade as posições tomadas, que os seus adversarios diziam cedidas.

Começou então a voltar os olhos para o seio da França, onde a critica já formulava a descoberto os seus remoques e objecções.

A vida encarecia e a cotação do franco declinava.

Os funcionarios publicos reclamavam aumentos de subvenção e os mutilados invocavam os seus serviços á Patria, para escaparem ás garras da fome.

A industria, o comercio e a agricultura exprimiam o seu descontentamento contra o gravame das contribuições, sem se esquecerem de acrescentar que não recebiam dos poderes publicos a protecção de que necessitavam.

O operariado extremista acariciava o sonho duma revolução proxima e os conservadores, dominados pelo panico, gritavam:

—«Quem nos salva?».

A hora era critica, mas cruzar os braços seria confessar a derrota.

O recurso ao emprestimo achava-se exgotado, sobretudo porque os prestamistas, perante a desvalorização da moeda, não se conformavam com um juro fixo.

Anunciaram-se as primeiras grandes dificuldades da Tesouraria. Como remedia-las?

Herriot comprometera-se a não aumentar a circulação fiduciaria nem a levar, além do limite marcado, a conta com o Banco de França.

O seu ministro das Finanças produziu a mesma declaração.

Era a palavra de dois homens honrados, lutando contra a adversidade.

Poderiam eles manter-se no seu exacto cumprimento?

Os acontecimentos não consentiram.

Para acudir a encargos inadiaveis, tornou-se absolutamente indispensavel arranjar dinheiro.

Onde encontra-lo?

Foram chamados a prestar o seu auxilio alguns bancos poderosos que compreenderam a gravidade do perigo.

Quem empresta impõe condições e estas para serem cumpridas exigiram um alargamento clandestino da circulação fiduciaria.

O Banco de França, de tão honrosas tradições, sentiu-se em falta, corando de ter de curvar-se, sem protestar.

Em todo o caso, não se calou, significando a quem de direito a razão que lhe assistia.

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

DUMA carta do nosso querido camarada Norberto Lopes, que está acompanhando a viagem da Divisão Naval Colonial, recortamos o seguinte trecho:

Os ingleses — e quando falo dos ingleses quero referir-me aos colonos do Cabo — não têm a concepção romantica da honra á maneira espanhola ou á maneira portuguesa. As estatisticas raramente fazem menção dum crime passional. O amor, entre eles, não é caracterizado pela violencia peninsular, pelo donjuanismo de capa e espada, peculiar a portugueses e espanhois. Esta tolerancia de costumes — que é um traço psicologico de saxões e germanos, cuja influencia se faz sentir já em alguns povos latinos — tem a virtude de lhes não envenenar a existencia, transformando o amor em caprichosa frivolidade, em instrumento facil de luxuria e de prazer e nunca em fonte amarga de dôr e de tortura.

Assim, nesta grande cidade sul-africana, que é Cape Town, e que gira sobre diamantes — sobre diamantes de Kimberley — a vida decorre serenamente, num sonho delicioso povoado de sensações agradaveis e de visões côr de rosa.

Para quem acaba de chegar da verdadeira Africa, da Africa primitiva do sertão, da Africa medieval dos portugueses — com que tristesa a gente reconhece o nosso atrazo! — nesta cidade confortavel, civilisada, seculo vinte, tudo nos parece amavel, risonho, encantador, *very nice*...

* * *

A *HORA DOS POBRESINHOS*, felicissima inspiração de «Miriam», a ilustre colaboradora do nosso colega *Correio da Manhã*, é a mais impressionante, a mais comovedoramente linda de todas as realizações de caridade do nosso tempo. Afirmamo-lo sem temores de exagero, e absolutamente seguros de que só prestamos á verdade o preito a que ela tem jus.

A festa de ontem na Liga Naval teve beleza, teve ternura, teve rarissimo encanto, mas teve sobretudo a demarcá-la uma nota de sentimento que só podia ser-lhe imprimida pela grandeza d'alma que a determinou.

* * *

O NOSSO querido camarada Aprigio Mafra e o brilhante poeta Antonio Carneiro estão preparando um livro de cronicas e sátiras, em prosa e em verso, intitulado *Fel e Vinagre*.

Nele passam, ao lado da inspiração e do humorismo de Antonio Carneiro, a emoção que Aprigio Mafra põe nos quadros em que pinta a Lisboa humilde e a graça expontanea com que traça os ridiculos da vida portuguesa de hoje.

* * *

JOÃO da Silva Ramos, que foi porteiro da Real Casa, morreu ontem e foi hoje o enterro. Era uma figura popular e querida de toda a gente, pela sua bonhomia e pelo seu coração, que era duma bondade extrema.

Sempre fiel aos seus principios, morreu sem um inimigo, antes chorado por muitos, a quem, nos seus dias de situação oficial, protegeu e socorreu.

Paz á sua alma.

* * *

SERZEDEDO Coelho e J. G. Botelho Moniz, acabam de publicar uma engraçada farça em três actos, intitulada «O Visconde de Pavia Ranso».

NUNCA, como hoje, houve necessidade de termos uma politica colonial bem esclarecida e firme, dados os perigos que, de um momento para o outro, podem ameaçar o nosso Ultramar.

Não escrevemos palavras para alarmar ninguem.

No entanto, dirigimo-nos ao pais para que se conserve vigilante.

A'manhã, consagraremos ao problema colonial uns momentos de atenção, pedindo, desde já, aos nossos leitores, que não olhem com indiferença tal assunto.

* * *

O SR. Presidente da Republica, acompanhado do seu oficial ás ordens capitão sr. Florentino Martins, visitou esta manhã a Exposição de Faianças no Teatro Nacional.

—Com o sr. Teixeira Gomes, almoçou hoje, no Palacio de Belem, o sr. Luís Viegas, inspector do Comercio Bancario e director do Instituto Comercial.

—O Chefe do Estado recebeu hoje, em audiencia particular, os srs. dr. Veiga Simões e os cavaleiros militares que tomam parte no Concurso Hipico Internacional de Nice.

* * *

A Parceria Antonio Maria Pereira editou um folheto, para comemorar o 1.º centenario da morte de Camilo — *Subsidio para Camiliana*, sendo seu autor o dr. João de Vasconcelos de Carneiro e Menezes. Entre outras curiosidades notaveis, ocupa-se da historia do folheto *José Luciano de Castro*, por D. Rosaria Cogumelos (pseudonimo de Camilo).

* * *

MARCONI vai casar-se com uma senhora de 18 anos, miss Elisabeth Marguita Paynter. Nunca a telegrafia sem fios transmitiu mensagens tão sentimentais. O sabio e a sua noiva entregaram o seu poema ás ondas herterzianas. A fisica e o amor, a quimica e o coração enlaçam-se no espaço, abrindo outros horisontes á poesia.

* * *

NO proximo dia 15 do corrente mês, pelas 14 horas, executar-se-hão, na praça de D. Pedro IV, as experiencias oficiais com as novas escadas *Magyrus*, mecanicas, com que acaba de ser dotado o benemerito Corpo de Bombeiros Municipais.

* * *

NO «rapido» da manhã partiu hoje para Aveiro, devendo regressar na sexta-feira, o sr. ministro da Instrução, que ali vai visitar varias escolas, bem como o museu, que está a cair, devendo tambem assistir ao congresso do professorado.

* * *

NA proxima quinta-feira, realizar-se-ha a visita á construção e montagem da nova ponte do caminho de ferro, sobre o Sado, em Alcacer do Sal. Pelas 8 horas da manhã, partirão do Terreiro do Paço as entidades oficiais com os representantes da imprensa.

* * *

O DEPUTADO sr. Carlos de Vasconcelos esteve hoje, com sr. ministro das Colonias, tratando de assuntos relativos a Cabo Verde.

* * *

FOI hoje para o «Diario do Governo» o decreto modificando a nomenclatura e classificação de categorias dos funcionarios da Caixa Geral dos Depositos.

Uma carta

O livro português em França

Do sr. José Osorio de Oliveira, recebemos a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade.—Pensando bem, acho que vocês têm razão. Peço-te, pois, que retires a carta, que te levei ontem, e que, em vez d'ela, publiques estas poucas linhas muito calmas. Como tu, o Paulo Freire, o Norberto de Araujo e o Artur Portela leram aquela carta, podem testemunhar que eu tambem sou capaz de ser malcriado.

Ficam agora sabendo que tambem sou capaz de sacrificar a minha vaidade á elegancia de espirito. E seria, de facto, deselegante responder ao sr. Forjaz de Sampaio, embora o pudesse fazer, como vocês sabem.

Quero apenas dar aqui o endereço de Viktor Bjorkman (Viktor com k), para verificação do que afirmei sobre a sua existencia. Quem quizer, portanto, pode escrever para: «Pleskowstrasse, 3. Lubeck, Alemanha». Sobre as cronicas, como elas não são publicadas no «Diario», na proxima darei, não a resposta que o sr. Forjaz de Sampaio merece, mas a explicação que devo aos meus leitores. Quanto ao resto, vocês sabem que eu poderia responder, ponto por ponto, embora o tivesse feito, confesso-o, com uma violencia tão inutil que nem dela preciso para mostrar que não tenho medo de me bater com o sr. Forjaz de Sampaio, tanto intelectualmente como fizicamente. Agradece-te a publicação desta carta o

Teu amigo e admirador

[illegible]e Osorio de Oliveira.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21,30—«O Sinal de Alarme».
Nacional—A's 21,15—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luís—A's 21—«A Dança das Libelulas».
Avenida—A's 21,15—«Bensmer».
Politeama—A's 21,30—«A Massarcca».
Apolo—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Campolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

CRONICA FINANCEIRA

Periodos de agravamento e de frouxidão

A vida financeira portuguesa está na espectativa das soluções que o Parlamento dará ao projecto orçamental, á questão dos fosforos e á situação de Angola.

Esses três problemas devem ficar arrumados antes de maio, nem os partidos podem entregar-se socegadamente á luta eleitoral emquanto a vida do governo que vier a presidir ao proximo sufragio não estiver assegurada. Para isso é mister conseguir uma tregua parlamentar que tem de ser precedida pela arrumação da lei de meios, pela arrumação das contas de Angola e pela resolução da já bastante emaranhada questão dos fosforos.

Emquanto a acção do Parlamento não recomeça e dela não vierem novos aspectos a comentar, lancêmos os olhos pelo que vai pelos outros paises, o que pode ás vezes, por comparação, ser util e de interesse.

A queda do gabinete Herriot, por exemplo, é um desses factos de que se tira uma conclusão cheia de interesse, que vem a ser este: o povo francês não suportou o imposto directo, o povo francês, que se não opôs á vida do gabinete do cartel das esquerdas, nem á experiencia da sua politica, tomou uma atitude em materia financeira da qual não pode inferir-se que a França, pelo menos em materia financeira, se incline muito para a esquerda.

* * *

A *Societé de Banque Suisse* está produzindo um boletim mensal que aborda questões momentosas, umas vezes de interesse restrito, outras da mais vasta correlação. A questão da taxa de juro é o assunto dum desses boletins. E nele se encontra um aspecto de conjunto do assunto deveras interessante, que vamos resumir.

A enorme destruição de capitais produzida pela grande guerra, quer pela devastação de regiões inteiras, quer pelo consumo dos exercitos, não foi compensada por uma produção equivalente e pela formação de novos capitais; por meio de economia.

Perderam-se reservas acumuladas. Dali uma alta do aluguer do dinheiro.

Esse fenomeno produziu-se sempre que o dispendio do capital foi mais rapido e mais forte do que a sua formação pela economica.

Foi assim que as guerras do ultimo quartel do seculo XVIII, seguidas da Revolução Francesa, e das guerras napoleonicas, provocaram uma crise do dinheiro que, guardadas as proporções, é muito semelhante á que sentimos hoje.

Em 1800 e 1815 a taxa efectiva de juro para operação a longo praso, bem garantida, era ás vezes superior a 10 %, e posto que em paizes diversos a lei limitasse essa taxa a 5 ou 6 %, ou realidade, na pratica a taxa legal era agravada por encargos acessorios sob a forma de comissões e despezas diversas.

Seguiu-se um periodo de trinta anos em que a economia fez a sua obra e a procura de capitais maiores—a taxa afrouxou sucessivamente e em 1840, em França, na Inglaterra, na Suissa e até na Alemanha emprestava-se vulgarmente, sobre boas garantias, a 5, a 4 e até a 3 %.

Em seguida veio a era industrial, caminhos de ferro, navegação a vapor, o telegrafo, o desnvolvimento das relações de além-mar, a exploração de enormes territorios em todas as partes do mundo. A taxa de juro elevou-se pouco, sem todavia se dar uma alta brusca ou exagerada. Neste periodo não houve destruição de capitais, ao contrario, criou-se riqueza cujos resultados não tardariam.

Pouco depois de 1870, a taxa de juro orientou-se no sentido da baixa. Muitos Estados poderam proceder ás grandes conversões dos seus emprestimos. O tipo do rendimento, 3 %, tornou-se frequente. A Inglaterra baixou mesmo a taxa dos seus consolidados a 2 3/4 e mais tarde a 2 1/2. Este bom preço do dinheiro favoreceu uma nova era industrial e desde o começo do seculo até ás vesperas da grande guerra a taxa sofreu um agravamento de cerca de 1 %.

Mas a industria encontrava facilmente dinheiro a curto e longo prazo a 4 1/2 ou 5 %.

A grande guerra mudou a face das coisas. Recorreu-se ao «detestavel meio» da inflacção fiduciaria que deu a ilusão do dinheiro facil, mas o aumento das senhas monetarias não constitue um aumento de palavras e, tarde ou cedo, as consequencias da destruição dos capitais haviam de produzir-se.

Essas consequencias mostravam-se brutalmente, sob a forma de crise dos cambios, a que se seguiu em todo o mundo a alta da taxa de juros, e essa alta devia e deve ainda ser mais sensivel nos paizes que mais abusaram do papel-moeda.

Sem falar nos casos excepcionais que durante um certo tempo se praticou nos paizes da Europa Central, de juros a 100 % ao ano, pensemos apenas no facto de haver ainda hoje na Europa paizes em que mesmo com todas as garantias, a taxa nunca é inferior a 20 %. Entre os que, antes da guerra eram favorecidos por uma taxa muito baixa, ha-os que fazem actualmente e vulgarmente uma taxa de 10 a 12 %.

E não é com a nacionalização do mercado dos capitais, que se consegue o barateamento do dinheiro.

Inflexivelmente o dinheiro será barato quando parte da riqueza destruida fôr reconstituida e os capitais dessa reconstrução voltarem á disponibilidade.

As leis artificiais da teoria da perseguição dos capitais, nada podem em face dessas leis que o experimentalismo fiduciario regista.

Mundanismo

A noite de 20 em S. Carlos

Segunda-feira o teatro de S. Carlos abre as suas portas para um espectaculo de arte, que vai marcar um autentico exito de beleza. Lucilia Simões, Amelia Rey Colaço e La Goya, as três figuras interessantes admiradas pelas plateias femininas realizam nessa noite trez criações ineditas. A primeira interpretará uma peça de François Coppé, consagrada pelo talento de Sarah Bernhardt; a segunda terá a seu cargo uma linda figura de mulher, que Norberto de Araujo expressamente criou para ela; La Goya será a saudade ardente de Espanha.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Rita Vaz de Almada (Avranches), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria do Carmo da Cunha de Menezes Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Antonia Perestrelo Guimarães, D. Maria Luisa Nunes Coelho e D. Maria Luisa Caldeira Soares Mendes da Fonseca Ribeiro e Sousa.

E os srs.:

D. Luís de Lancastre (Alcaçovas), D. Gonçalo Velho de Lancastre (Alcaçovas), Domingos Pinto Coelho Guedes (Simães), Delfim Oscar de Matos Amaral e Armando Lemos de Matos.

A Caridade

«Adão e Eva»

Amanhã realiza-se o primeiro ensaio geral com orquestra no S. Luís, da revista feerie «Adão e Eva», ás 15 horas, pedindo a comissão organizadora a todas as senhoras e rapazes que tomam parte o favor de não faltarem.

Continuamos hoje a publicação dos papeis masculinos e da sua distribuição:

«Pinheiro», «Policia» e «Dominó», José Rosenstock; «Mocho», «Dominó» e «Cega-Rega», Duarte Anjos Diniz; «Fausto», D. Luís Barroso da Camara; «Cardo» e «Dominó», Carlos Anjos Diniz; «Dominó», José Macieira Lino, e «Mifestofeles», Manuel Palma.

Baptisado

Realizou-se no sabado, na igreja de S. Sebastião, o baptisado da filhinha do nosso amigo sr. dr. Frederico Egrejas, que recebeu o nome de Maria do Carmo, servindo de madrinha a sr.ª D. Lucilia Silva Pereira e de padrinho o sr. Eduardo Silva Pereira.

Noites de arte

Continua aberta no escriterio da empresa do São Luis a assinatura para os cinco unicos espectaculos que vêm dará a esse teatro os celebres artistas Maurice Chevalier e Yvonne Vallée, os dois grandes idolos do publico francês com o seu varioso reportorio de cançonetas e bailados. Completam os programas desses sensacionais espectaculos os numeros de «music-hall» a brilhante bailarina e «tonadillera» Pilar, e a graciosa bailarina inglesa «Miss Jean Carrell».

Em viagem

Partiu hoje no «sud-express» para a sua quinta do Mosteiro, em Vila do Conde, onde conta passar alguns dias, o sr. Alvaro Pacheco Rebelo de Carvalho.

—A'manhã partem para Sevilha, os srs. Ramiro de Magalhães e Antonio Fernandez.

Doentes

Encontra-se ha dias retida no leito, com um forte ataque de «grippe», a senhora D. Mariana Pinto Barbosa, esposa do nosso amigo e distinto clinico sr. dr. Manuel Barbosa. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

ARTE PORTUGUEZA

Dois interessantes capitulos

do livro "Historia do Palacio Nacional de Queluz", por Antonio Caldeira Pires

Antonio Caldeira Pires

Dentre a legião de «carolas» pelo nosso passado e pelas reliquias que os nossos maiores nos deixaram, é justo destacar como um dos mais entusiastas e mais perseverantes Antonio Caldeira Pires. O primeiro volume da «Historia do Palacio Nacional de Queluz», que acaba de ser publicado—um grosso livro de mais de 400 paginas, com um prefacio—estudo de Afonso de Ornelas e desenhos de Roque Gameiro, Alberto de Sousa e José Nogueira—é uma obra notavel que honra o seu autor e a Imprensa da Universidade de Coimbra, onde foi composto e impresso.

Transcrevemos dois dos mais interessantes capitulos do novo livro do infatigavel investigador.

Os arquitetos do palacio

«Mateus Vicente de Oliveira» e «Jean Baptiste Robillion», foram os artistas incumbidos de planear o «Palacio de Queluz».

Mateus Vicente de Oliveira era natural de Barcarena. Foi mestre de obras da antiga escola de Mafra e aluno da Casa do Risco, onde estudou a geometria pratica e desenho das cinco ordens, sob a direcção do arquitecto alemão João Frederico Ludewig, que se estabeleceu em Portugal e se naturalizou português, ficando conhecido pelo arquitecto Ludovice, autor do projecto e dirigente da construção do Monumento de Mafra.

Mateus Vicente de Oliveira foi sargento mór e major, arquitecto da Serenissima Casa e Estado do Infantado, do Grão Priorado do Crato, da Santa Igreja de Lisboa, fez o projecto da Basilica do Coração de Jesus, etc., etc.

Faleceu no ano de 1785. D. Pedro III no seu testamento contemplou-o com 100$000 réis anuais, que não chegou a receber por ter morrido antes.

O primeiro plano do Palacio foi de Mateus Vicente de Oliveira. A inspecção das obras foi dada pelo Infante D. Pedro, ao seu estimado guarda-roupa Matias Antonio de Carvalho.

A direcção de todos os trabalhos, estava a cargo do arquitecto que tinha sob as suas ordens um regimento de operarios, os quais trabalhavam por conta dos mestres carpinteiros, pedreiros, canteiros e outros, visto toda a obra ter sido dada por empreitada. Mateus Vicente de Oliveira fiscalisava todos esses trabalhos e assim encontramos nos maços das contas da Casa do Infantado variadissimos documentos.

Depois do terremoto as obras estiveram paradas, porque a maior parte dos operarios foi chamada, por decreto de D. José, para a reconstrução da cidade.

O Infante D. Pedro contratou o arquitecto francês, Jean Baptiste Robillion, que trabalhou conjunctamente com o arquitecto português.

Robillion, que chegou a ser brigadeiro, encarregou-se do embelezamento do Palacio e fez s traçados dos jardins. Foi um arquitecto celebre, escultor e gravador. Para as grandes obras de Queluz mandou vir do seu paiz varios artistas. No ano de 1782, inaugurou uma pequena «fabrica de louça em Queluz», e a 30 de Setembro do mesmo ano faleceu, ficando a substitui-lo, na obra que administrava, o mestre canteiro Manuel Antonio Alves.

Varios escritores portugueses que a ele se referem têm errado o seu verdadeiro nome. Sousa Viterbo, no «Diccionario dos arquitectos», chama-lhe «Robilhon»; o marquez de Rezende nas «Recordações historicas de Queluz», chama-lhe «Robillon», e outros que dele se têm ocupado não lhe dão o seu verdadeiro nome, que é «Robillion». A titulo de curiosidade vou apresentar como em variadas contas de Queluz o seu nome era escrito:

Mateus Vicente de Oliveira, quando inspeccionava as obras que ele administrava, chamava-lhe «Rabilhõ». Feliciano José Rodrigues, numa conta de 292 balaustres, chamava-lhe «Rumlhão». José Duarte, numa conta de 200 balaustres e pés de taboleiro, chamava-lhe «Rublhau». José de Figueiredo, numa conta de pedra ordinaria, chamava-lhe «Balliou». José Francisco Marta, de ferragens que forneceu para a casa da ópera, «Rulon», Antonio José dos Santos, por uma caixa de folha de Flandres, «Rubilhoy». Francisco da Costa, duma conta de vidros, «Rubullion». Ana Inacia Herédia, duma conta de 100 duzias de flores de papel para as festas de S. João em 1774, «Raubililion». José da Maria, de foguetes do ar e estalos de deittar por terra, para as festas de S. João do ano de 1774, «Jan Betiste «Rebehion». Fontana e Duarte dum fornecimento de vidros para espelhos grandes e pequenos, «Monsieur» «Bullion». Manuel João, de tijolo que forneceu, «Raubon». O mestre Antonio João ou lhe chama «Robin» ou «Rebulhão». Manuel Jorge, de madeira de casquinha que vendeu, «Rebilhão». João Bernardo, de madeira e pregos, «Reboilhom». João Caetano, de férias de pedreiro, «Rabalhão». Antonio de Matos, por obra de madeira raspada para as casas que se fazem de novo, Senhor «Blon». O padre Pereira, para varios concertos nos oratorios e outra obra particular, Senhor «Ro-liliau». O jardineiro Francisco do Rosario, para compra de varias ferramentas, chumbo para o lagos e dois regadores, «Monsier» «Johon Bautistalon». Por-fim o almoxarife do Palacio e pagador das obras de Queluz, dá-lhe o seu verdadeiro nome, «Robillion». Muitos outros documentos existem nos arquivos de Santa Luzia e Torre do Tombo, com variados nomes; cada um baptizava-o como entendia.

«Robillion» habitava uns quartos no Palacio velho, quasi sempre acompanhado por sua irmã Marta Robillion, a quem Agostinho José Gomes entregou depois do falecimento de seu irmão a quantia de 313$130 que tinha em seu poder, e por um criado, Domingos Antunes», que entrára para o seu serviço no ano de 1766.

Tapeçarias — Panos de Arrás

Entre as muitas riquezas coleccionadas no famoso Palacio de Queluz, figuravam os preciosos Panos de Arrás entre os quasi havia muitos de grande valor.

Com bastante custo, conseguimos organizar uma relação de todos os que existiram em Queluz, e, dalguns, determinar a sua procedencia.

No ano de 1762 existiam os seguintes Panos de Arrás:

(Segundo o Inventario feito em 1761):

1 Jogo de 3 Panos da «Historia de Moysés».

1 Dito de 7 Panos de «O Triunfo de Jozeph».

1 Dito de 6 Panos do «Triunfo de Judith.

2 Ditos de 7 Panos da «Historia de Alexandre.

1 Dito de 8 Panos de «Diana na caça».

1 Dito de 6 Panos de «Diana nos bosques».

1 Dito de 4 Panos de «Brincadeira de rapazes».

1 Pano de «Historia chinesa» e outros numa totalidade de 62 panos.

A maioria destes panos foram comprados a Paul Boffinet, mandados vir de França para o Palacio de Queluz, como se vê na nota «infra».

Um jogo de 7 panos da «Historia de Godefroye», não aparece no Inventario de 1761, e como se vê na nota n.º 1, foi comprado em França, por Paul Boffinet, que, por sua vez, o vendeu para Queluz, onde existia em 1757.

Um jogo, que na conta diz «Armassão muito rica e fina», de 8 panos da «Historia de Méléagre, vendido pelo mesmo Boffinet por 999$000 réis, colocado e entregue em Queluz, a 6 de Agosto de 1759, tambem não figura no Inventario.

E' muito provavel que tivessem ido para o Palacio da Ajuda, residencia oficial da Familia Real, mas tendo percorrido um Inventario existente em Santa Luzia, não encontrámos a descrição dos panos aí existentes a qual, talvez tivesse desaparecido no incendio de 1794.

Diz Sousa Viterbo, no seu livro «Artes e Artistas», 2.ª edição, pag. 75, que existiam em Queluz, dois soberbos panos do seculo XVI, mas que podem ser fabricados posteriormente, quem sabe se no reinado de D. João V. Eram encimados pelas Armas Reais e tinham na orla inferior disticos em português, julgando ser obra nacional. Nos Inventarios, não vêm mencionados, nem nenhum outro encimado pelas Armas Reais.

Além dos Panos de Arrás já indicados, Agostinho José Gomes, recebeu do Tesouro da Bemposta, em 9 de Novembro de 1787, os seguintes, que ficaram pertencendo a D. Pedro por morte de D. João da Bemposta e foram para Queluz:

1 jogo de 6 panos entre finos e novos que representão «As guerras de Alexandre», e 6 sobre-portas da mesma armação.

1 Dito de 7 panos «A historia campestre».

1 Dito de 6 panos de «Figuras de paízes».

1 Dito de 7 panos de «Figuras de paízes».

1 Dito de 4 panos da «Fabula».

1 Dito de 4 panos da Fabula de Hercules com a hidra de Lerna».

1 Dito de 3 panos de «Historia chinesa».

2 panos ordinarios de «Paizes».

2 ditos da mesma qualidade e de «Paízes».

2 ditos da «Historia Sagrada».

3 ditos da «Historia Sagrada» mas com muito uso.

Outros panos foram comprados mais tarde. No ano de 1799, o Conde de Val de Reis, vendeu 1 armação de 7 panos de «Fguras da Fabula», com 5 côvados e 1/3 de alto e 44 1/2 de roda, por 130$000. Um pano de mesma altura e roda 5 côvados e 1/4 que representa «Aquiles morto por Páris», por 20$000 réis. Uma armação de 5 panos de «Jardins com colunas e vasos de flores» com a mesma altura dos já citados, e com 136 côvados de roda, por 120$000.

Todos estes panos foram avaliados pelos tapeceiros da Casa Bragança, José Joaquim Duarte e Teotonio Pedro Heitor.

A Cidade

Chá das cinco

Cartas de Lena a Adolfo

Não sei, meu longinquo e platónico amigo, o que hei-de dizer-lhe nesta tarde nublada que ameaça tempestade e presagia crises de nervos... Só se lhe disser que passei a tarde de ontem, sósinha no gabinete de vestir, procurando inutilmente explicação para a minha absoluta necessidade de ser cortejada pelos amigos dos meus namorados e pelos namorados das minhas amigas... Ainda lhe não tinha feito esta confidencia, pois não, Adolfo?

Advinho que vai fazer-me uma pergunta. Não? Não ousa fazer-ma?! Mas, meu amigo, as suas perguntas são sempre discretas, tão discretas como esse principio de calvicie—que lhe não fica nada mal, sossegue... Enfim, seja como quizer.

Atravessa, nesta hora, o meu cerebro, um verdadeiro cortejo de extravagancias. Se eu não detestasse como detesto, por deselegante, o escandalo, tingiria hoje de rôxo os meus labios, iria pavonear pelas ruas da Baixa a mais estupenda cabeleira côr de fogo, gosando o pasmo da turba estupida e maldosa, e deixando entrever, como as contemporaneas de Péricles, pelo golpeado duma tunica verde, uma nesga do meu flanco serpentino... Seria um acontecimento, meu abismado amigo, seria uma revolução naquele tolissimo Chiado...

Não, não endoideci, Adolfo. Estes impetos extravagantes, só me acometem em dias de trovoada iminente e em horas a que não saio de casa .. Demais, se eu sou um fruto dêste seculo em que sopra o vento demolidor do Modernismo, afastando para longe as instituições boas e más do Passado, em que vão desaparecendo, pouco a pouco, como que envergonhados pelas inovações estroinas duma epoca de loucura, os usos ponderados doutra epoca de bom senso e em que a febre duma ansiedade egoista substituiu a fé calma no futuro que ainda animou nossos pais, ha razão de estranhar as fantasias que nesta carta lhe confio?

O tempo, o seculo são assim... Mas, meu longinquo e platonico amigo, não iremos todos naufragar num oceano de ridiculo?! E' esse, de entre os mil receios que me pungem neste torvelinho da vida moderna em que rodopiamos, o mais obcecante e o mais cruel...

Até breve, Adolfo. Estreita-lhe as mãos a sua amiga—Lena.

Mimi Haas.

Queluz já tem luz electrica

Queluz é uma risonha povoação dos arredores de Lisboa, cheia de lindas tradições...

O seu Palacio é uma das mais maravilhosas reliquias do nosso passado. Nele tiveram lugar alguns dos mais curiosos episodios da politica portuguesa do ultimo seculo.

Mas Queluz tanto se embeveceu na contemplação do Passado que se esqueceu de si mesma. E, até agora, vivia completamente mergulhada nas trevas. De noite, não se podia sair á rua, visto desconhecer-se ainda o que fosse iluminação publica...

Desde ante-ontem, porém, Queluz possui luz electrica nas ruas e pode estendê-la a todas as casas particulares.

As instalações foram feitas pela Companhia Cintra-Atlantico, que fornece a respectiva energia.

Trata-se duma iniciativa digna do maior elogio e que muito contribuirá para o desenvolvimento daquele pitoresco lugar. E tão bem o compreenderam os habitantes de Queluz que, para comemorarem a inauguração da luz electrica, organizaram festas, lançaram foguetes e manifestaram pelas mais variadas formas a sua alegria.

NA ESCOLA NAVAL

No dia 25 realiza-se, na Escola Naval, a cerimonia do juramento de bandeira dos aspirantes de Marinha. Serão inauguradas, por essa ocasião, a Sala do Gimnasio e a Escola de Educação Fisica dos Oficiais da Armada.

Assistem ao acto o Chefe do Estado, os membros do governo, autoridades civis e militares e deputações das Escolas Militares e dos Pupilos do Exercito.

UM ASSUNTO DO DIA

"O que se projecta, na questão dos fosforos é um novo monopolio disfarçado e miseravel„

declara-nos

Jorge Nunes

O «Diario de Lisboa» resolveu ouvir hoje alguem, com responsabilidades politicas, sobre a questão dos fosforos, em debate na Camara dos Deputados. Nesse debate na Camara dos Deputados. Nesse antigo parlamentar, posto que exonerado, a seu pedido, do seu logar na Camara.

O antigo deputado camachista, alegando ter abandonado a politica, por motivos particulares, não se deixou entrevistar.

Todavia, como português e como patriota, acompanhando os assuntos de interesse para a vida do [illegible], não se esquivou a dar ao jornalista a sua opinião sobre a questão dos fosforos. Aqui a damos aos nossos leitores — embora contra a vontade do nosso ilustre entrevistado.

* * *

—Dos monopolios do Estado — afirma-nos o sr. Jorge Nunes — depois do dos tabacos, o mais importante é o dos fosforos. De harmonia com as afirmações feitas no tempo da Monarquia e mesmo depois, na Republica, era de supôr que, terminado o praso da concessão do privilegio fabril e venda, o monopolio acabasse, de facto e de direito, por uma vez.

—Não sucede, porém, assim...

—Se não fosse o exemplo ainda bem patente dos Transportes Maritimos e outros serviços do Estado, verdadeiros cancros da administração publica, ainda poderiamos admitir o estabelecimento da «regié» dos fosforos. Posta de parte, como parece, esta solução, dois caminhos havia a seguir: nova concessão e liberdade de fabrico.

O sr. Jorge Nunes, que se apaixona pelos assuntos, não nos concente que lhe quebremos o fio do discurso, e prossegue:

—Sim, eu compreendo que partindo se da hipotese errada de que era necessario procurar no monopolio uma base concreta, real, de negociações financeiras, desassombradamente o governo, nas Camaras, e o Parlamento, puzessem a questão ao Paiz e resolvessem no sentido de renovar o monopolio em concurso publico, acautelando, evidentemente, os interesses do Estado e os do consumidor. Isto é que era honesto.

—O que se está projectando, porém...

—E' um monopolio encapotado, miseravel, por virtude do qual, com promessas e garantias que, de antemão, se sabe não serem praticadas, á empreza que o desfrutar (e outra não pode ser senão a actual) se dão todas as vantagens dum monopolio sem as correspondentes obrigações. Isto não é honesto e compromete a moral, o prestigio das instituições, embora não devam atribuir-se propositos imorais aos que parlamentarmente são obrigados a resolver este assunto. Noutros tempos se em todas as classes, sem excepção, houvesse uma noção mais perfeita do que deve ser o brio dum povo e o prestigio dum regime, o que se projecta não seria levado a efeito impunemente.

—As consequencias...

—Serão terriveis. O regime que se estabelece para os fosforos será rigorosamente o que se vai estabelecer para os tabacos. Portanto, como já souberam negociar, os que tinham papel na Companhia dos Fosforos, os que o tiverem nos tabacos, tambem já sabem o que hão de fazer.

—A sua opinião pessoal?

—Sou, sem hesitações, pela liberdade do fabrico.

—Porquê?

—Por varias razões. Em primeiro logar, o consumo está assegurado — e desde que está assegurado o consumo por via do seu fiscal nas alfandegas ou do selo fiscal aposto nas caixinhas, no sairem da fabrica, o seu rendimento esta assegurado para o Estado — pelo menos num montante igual ao que a Companhia tenha garantido. Depois, em segundo logar, porque reconhecida, com base no rendimento dos fosforos, a necessidade de realizar-se uma operação financeira, o Estado não tinha mais que fazer do que já fez, isto é, a entrega á Junta de Credito Publico as receitas correspondentes aos juros e amortisações dos emprestimo que realizasse. Em terceiro e ultimo logar o publico, com a liberdade do fabrico, ficaria melhor servido, pelo que diz respeito a preços e qualidade dos fosforos.

—Podia ser um monopolio de facto para a tal Companhia...

—Por estar apetrechada de tudo e poder, assim, afastar os concorrentes estrangeiros? Não, não o faria. Os fabricantes de fosforos contam-se por centenas — sobretudo suecos e japoneses.

E concluindo:

—Enfim, tenhamos esperanças de que as férias, com o seu relativo repouso, tenham aberto os olhos aos ilustres deputados da Nação, mostrando lhes o caminho errado que iam trilhando, obcecados, apenas, pela ideia de que da liberdade resultava sómente a vida da actual Companhia, não vendo quanto de inconveniente para os interesses publicos e lesivo da dignidade propria seria votar aquilo que se tem proclamado no Parlamento como uma triste necessidade.

Os encantos da Lisboa nocturna

Está averiguado. Quem quizer passar uma noite agradavel, uma noite de emoção, com todos os atractivos do prazer, tem que frequentar o *Bat-Tabarin Montanha*, onde tudo se conjuga para a impressão do bom gosto que se procura. As festas, que no formosissimo salão se estão realizando, são completas, absolutamente sensacionais, quer se apreciem os explendidos numeros de variedades exibidos, quer se avalie o magnifico *sexteto*, que todas as noites executa programas novos; quere se tenha em linha de conta o deslumbramento dos bailes que decorrem sempre no meio de entusiasmo são, de alegria verdadeira.

As "visitas" ás casas bancarias

Pouco se pode adiantar sobre as diligencias acêrca dos assaltos ás casas bancarias. Os individuos presos sob essa acusação enviaram uma carta ao sr. dr. Crispiniano da Fonseca, director da policia de investigação, na qual declaram que estão inocentes.

Realiscu-se hoje, no gabinete do director da policia de investigação, uma conferencia entre representantes de todas as casas bancarias de Lisboa, que durou perto de duas horas, assistindo a ela o chefe Alfredo Maria e o agente Reis e Sousa. O resultado dessa conferencia foi de caracter reservado, mas, no emtanto, sabemos que se resolveu que, de futuro, não se fizessem referencias a qualquer assalto antes da policia ter tomado as necessarias providencias.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pelos teatros

Lusbel

Na festa que hoje se realiza no teatro de S. Luís, em homenagem ao maestro Luís Gomes, apresenta-se pela primeira vez ao publico de Lisboa o cancionista Lusbel, acompanhado [illegible] cantora Zulma de Albéniz.

LUIZ BARREIRA (LUSBEL)

Este novo artista, que é o antigo actor Luiz Barreira cantará interessantes numeros de musica, e principalmente canções sentimentais, nos quais se revela com certo brilho por ser o genero que mais quadra ao seu temperamento.

Dizem-nos que os scenarios que apresenta são de muito bom gosto e que a indumentaria atinge requintes de elegancia e riqueza pouco vulgares em numeros de variedades.

Os dois artistas partem dentro de dias em «tournée» para o Brasil e Argentina.

Nascimento e Gil Ferreira

Dois dos melhores artistas do nosso teatro, dotados de admiraveis recursos histrionicos, que o publico admira sem se cansar — Nascimento Fernandes e Gil Ferreira vão ter, em breve, uma merecida e justissima homenagem no Politeama.

Nascimento faz a sua festa depois de amanhã, com a «Massaroca»; Gil Ferreira, na quinta-feira, realiza a sua com a «Cristalina». Belos caracteres e melhores artistas que o publico vai decerto aplaudir calorosamente.

Atrás do reposteiro

Encontra-se em Toulouse a companhia da grande actriz France Ellys que dedicou o seu primeiro espectaculo á Universidade. France Ellys estreia-se em Lisboa no proximo dia 22.

—Depois de ámanhã inaugura-se no Porto, no teatro S. João, a epoca lirica de 1925, com a apresentação de uma companhia organizada pelo empresario Casali e com a reaparição dos tenor Borgioli e dos artistas soprano Revenga, baritono Roschi e baixo A. Vela. A opera que sobe á scena na quarta feira é a «Manon».

—A'manhã, no teatro Avenida, efectua-se a festa artistica do 1.º actor-comico e director da companhia de operetas e zarzuelas espanhola, Pedro Barreto. O espectaculo é constituido pela primeira representação da opereta, em 2 actos, «El Anillo del Sultan», de Blanco e Llorens, musica dos maestros Pablo Luna e Parada. A fechar a recita e em fim de festa, realiza-se um acto de concertos e variedades, no qual se farão ouvir todos os artistas da companhia, o festejado e varios dos seus colegas portugueses.

—A actriz Luz Veloso, que trabalhou ao lado de Augusto Rosa, de Brazão e de Adelina Abranches e de tantos outros grandes artistas da scena portuguesa, tem a seu cargo na peça «knock» um dos importantes papeis, com que abre brevemente o Teatro Novo.

—O papel creado entre nós pelo actor brazileiro Colás, na opereta revista «A Capital Federal», no Trindade, vai ser agora desempenhado pelo actor Brandão Sobrinho, que o fez já no Rio de Janeiro.

—Está em Lisboa o maestro brazileiro dr. Assis Pacheco, que vem passar no nosso paiz uma parte do verão proximo.

—A Companhia Espanhola de Pedro Barreto faz hoje o seu espectaculo no Avenida com a opereta, em 3 actos, «Benamor», que tem por esta companhia uma interpretação diversa da que teve em portuguez.

—A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho representou ontem e ante-ontem, no Sá da Bandeira do Porto, a comedia «A madrinha de Charley».

—A actriz cantora Virginia Neves, que faz a sua estreia no teatro na noite de 22 do corrente, no São Luiz, na festa do actor Vasco Sant'Ana, na opereta «Bayadera», é discipula da professora Africa Cabral.

A Cidade

TAUROMAQUIA

A CORRIDA
que ontem se realisou
no Campo Pequeno
foi ainda mais monotona
do que uma sessão solene

Ontem foi a inauguração «oficial» da epoca, na Praça do Campo Pequeno. E, como quasi todas as coisas «oficiais», foi uma festa sem interesse, fria, monotona...

* * *

Mais uma vez se provou que o mais importante duma corrida é um bom «cartel». No domingo anterior, chovia a cantaros. Os bilhetes eram caros, como impunham as extraordinarias despezas feitas. Pois, com chuva e com preços elevados, encheram-se quasi três quartos da praça.

Ontem, com preços muito mais baratos e com sol, (verdade seja que acompanhado dum vento forte e desagradavel), apenas se conseguiu meia praça.

Organizem bons «carteles», que o publico acorrerá ás praças, ainda que haja «foot-ball» ou qualquer outro divertimento!

* * *

Com meia praça e meia duzia de chapeus de palha e de andorinhas a anunciarem uma primavera que se está fazendo demasiado rogada, saiu o primeiro Terré para o cavaleiro Ricardo Teixeira.

Bem apresentado e dando razuavel lide, apesar de estar sempre com o sentido na trincheira, recebeu alguns ferros curtos e compridos, á estribeira e á garupa, sendo um deles por terrenos cambiados. Afóra uma certa precipitação, Ricardo teve neste touro um trabalho interessante que o publico aplaudiu.

O segundo Terré, mais pequeno e muito saltador, foi lidado por Agostinho Coelho e Custodio Domingos, que lhe puzeram alguns pares a quarteio. São dois toureiros valentes a quem estas parodias de corridas que ha em Portugal estragam.

O terceiro foi para Simão da Veiga Filho. Mal apresentado e manso, o notavel cavaleiro —que não nos cansaremos de aplaudir e de incitar, por ser uma das maiores esperanças da festa—conseguiu, apesar d'isso, cravar lhe varios ferros dignos de aplauso.

Para o quarto saiu Juan Luis de la Rosa. Mas com tanta infelicidade, que imediatamente o calção se rompeu na parte trazeira Houve risos, e emquanto a «Portuguesa» saudava o Chefe do Estado, o calção roto era substituido por umas calças de ganga. E foi nesta «toilette» ridicula que Juan Luis debutou. Não poude brilhar, devido a esta e a outras circunstancias; mas nos três «tercios» mostrou que é toureiro e que noutras condições pode fazer alguma coisa.

O quinto foi para Ricardo Teixeira, que teve ferros bons, regulares e maus. Menos precipitação —e mais sorte!

No sexto, Juan Luis de la Rosa voltou a tourear vestido de «macaco». Teve algumas veronicas boas, um par e um meio par maus, e varios «passes» de muleta bons.

No setimo, Simão da Veiga, Filho, deu a nota toureira da tarde, alegrando o seu trabalho com sortes vistosas, aguentando bem o touro por varias vezes e cravando quasi sempre bem.

No oitavo, ha a registar um par de Rodrigues Raposo e outro de José Coelho, de quem o bicho se vingou com varias cornadas sem consequencias.

Houve, duas pegas de cara e uma de volta, boas, e como de costume, abundante distribuição de pancada aos forcados.

El Terrible Felix

A COREOGRAFIA

No Eden Teatro
estreou-se no sabado
uma 'troupe, russa de bailados

O *ballet* russo de Eltzoff, se não é a pura essencia da coreografia, é, pelo menos, um *placard* tintamarresco e livre, microcosmo da dança, desde as suas expressões mais rudimentares, como sejam o passo gimnastico, até á sagrada, divina e mortuaria beleza do *Cisne* de Sans-Saens. Impossivel se torna aqui fazer um *aperçu* historico da coreografia. Interessante é, porém, notar que a primeira expressão artistica do homem, em face da natureza, que estranhamente o olhava—foi uma atitude coreografica. Ela estava naturalmente indicada na beleza floral das arvores—primeira linguagem do ritmo; na queda, lenta e curva das folhas—arabesco inicial da dança; na remige que batia alvoradas de luz, em vôos cordiformes, ou caía, abatida e languida, como uma rosa desfolhada, á superficie boreal dos lagos.

A dança foi, pois, a primeira linguagem do homem perante o Universo: a arte de esculpir na propria estatuaria do corpo—quer o sofrimento, quer a alegria. Condensada pela esculptura e espiritualisada pela musica, a coreografia é o instintivo anceio da vida, quebrando a horisontalidade monotona dos planos, por um expressionismo que, embora fragil, é a religiosa oração da atitude, flecha vibrante escalando, como um sonho, a primavera dos astros, em perpetua primavera de luz.

Foram os povos barbaros que a guardaram mais intimamente como um fogo sagrado. Todas as religiões, menos a cristã, nos ultimos tempos, desenham a sua liturgia, através de esplendorosas interpretações coreograficas. E são ainda hoje os povos nomadas, como o russo, castigados de sofrimento, perante perspectivas ilimitadas, que erguem os mais nobres frizos, de plastica vibrante, crucificando apaixonadamente a vida, no gotico sagrado de aladas atitudes. A canção das linhas—é o cantico dos russos, quando as palavras se confundem e caiem na areia agitada dos desertos, iguais a ela na monotonia e no silencio... Necessitam então de uma linguagem, não como a sua, que é um teclado imperfeito de sentimentos, mas uma outra que seja o grande e eterno triptico da alma humana: a dôr, a alegria e a morte.

O *ballet* russo de Eltzoff triunfa pela organisação livre dos espectaculos que nos está dando. *Vaise triste* de Lubelius é a morte que dança sobre rosas encharcadas de sangue. Kollina é flôr de mil petalas, tanto os seus ritmos se multiplicam, numa musical embriaguez, que a orquestra não dá. Não precisa de legendas sinfonicas—é um incendio de escalas.

Ainda de Kollina o *Cisne* de Sans Saens. Verbist foi mais estilisada, quasi imponderavel. Kollina mais humana e com uma expressão de angustia um pouco alucinante. *Danse poupée* dum grotesco inocente, mas artistica e sintetica de efeitos. *La vie en Ukranie*, admiravel de *entrain* e de graça campesina, que não exclui a delicadesa de linhas—é o triunfo da côr, bem movimentado, bem marcado, num delirio febril que exgota os nervos e a retina. Scenarios nem velhos, nem modernos, mas de todos os tempos civilisados—em que a arte decorativa é uma expressão da côr e do pensamento, que serve, e não talhadas de melancia ou arcos de pipa que teatreiros armados em teatrologos nos oferecem todos os dias.

Artur Portela

VIDA ARTISTICA

As exposições
de Fernandes Tomás
e de Maria Arlette Cortezão

Dizia hoje o *Diario de Noticias*, pela pena de quem escreve estas linhas: *a fotografia é uma arte*. A afirmação foi enunciada, mas não foi provada. Como estamos já a adivinhar ressaca de desmentidos por banda dos usufrutuarios das artes plasticas, vamos desenvolver o nosso pensamento, de resto já fixado em linhas de inabalavel definição. Assim como dez pintores, em face do mesmo *sujet*, o podem encarar de variadissimas maneiras, conforme os temperamentos, as escolas e as não-escolas—assim meia duzia de fotografos em frente dum unico assunto, sentem-se diferentemente impressionados atravez dum meio: *a luz*. O que é a beleza? Dizia Platão que é o esplendor da verdade. Acrescentou-lhe Zola: atravez dum temperamento. Temos, portanto, que se o fotografo pode marcar a sua individualidade no *sketch*, servindo-se embora de processos mecanicos—a fotografia é arte, em emoção e em sensibilidade.

O que o artista da fotografia tem é de pintar com a luz, escolhe-la primeiro, quando ela toca os planos faciais, mas marcantes, conduzi-la suavemente até pôr em acordo todos os motivos duma paisagem, em saliencias de beleza e de intima penetração.

Até ha pouco a fotografia era apenas o dorsofisionomico do retratado, sem a expressão dupla da alma e do sentimento. Hoje essa expressão é o seu motivo dominante, que não permanece, mas que continua e vive, em tons de dialogo, em mascaras de actor, quando não seja de teatro, pelo menos da propria vida, palpitando, renovando-se, numa palavra —*existindo*.

A exposição de Fernandes Tomás, patente na casa Alcobia, oferece-nos um admiravel exemplo: o retrato dessa figura caracteristica da boemia nocturna de Lisboa—Burnay Martins.

A mascara tem um relevo formidavel, destaca-se do fundo, num relevo anatomico, que a pintura raro atinge. A expressão de ironia, de misterio, de orgulho, de scepticismo, de desafio de Burnay incendeia-se, lê-se em cada ruga, no olhar meio encoberto pela cortina das palpebras, na boca de Sileno envelhecido. Não é um plano fotografico—é uma alma.

Mais: uma vida. Ainda mais: uma historia. A admiração por este trabalho de Fernandes Tomás ia-nos fazendo escassear o espaço, para levar o leitor *bras-dessus, bras-dessous* com o critico, atravez da exposição. Na paisagem, Fernandes Tomás apodera-se da simplicidade, do efeito dramatico, da belesa increada das aguas que ora se multiplicam, ora sonham argentinas quedas de luar.

Estamos em frente duma grande exposição. Ha que admira-la e não escrever mais nada.

A sr.ª D. Arlete Cortezão adoptou um grande principio, que, por vezes, é preciso relembrar áqueles que julgam que a arte é apenas espirito, intolerante á materia: a beleza é utilitaria, serventuaria da vida, como uma atenuante ás circunstancias do meio. Os romanos, na pequena candeia de argila, que alumiava os tumulos, faziam arte.

Os gregos, no pequeno escaravelho de oiro e esmalte que segurava os pepluns, faziam tambem arte.

Em Pompeia e Herculanum, até nos mais infimos objectos, se encontrou um esvoaçar de linhas, um arabesco perfeito, um galbo florido. Em duas palavras: arte pela vida e não arte pela arte. Uma leva-nos á verdade. Outra á mentira. Tudo isto vem a proposito da exposição de trabalhos de estanho, pequenas maravilhas de cinzelagem, de moldagem e de recorte, que a sr.ª D. Arlete Cortezão graciosa e nobremente expõe na Bobone.

A. P.

NO DIA 20

A ACTRIZ
Amelia Rey Colaço
vai interpretar
um original portuguez
no teatro de S. Carlos

A sensacional recita de S. Carlos no dia 20 —de hoje a oito dias—composta, como os jornais tem anunciado—três partes de bom teatro de arte. Desempenhada pela ilustre actriz Lucilia Simões, e ensaiada pela eminente professora Lucinda Simões, veremos uma peça de François Coppée, criada por Sarah Bernardt, e que, como na estreia em Paris, vai ser desempenhada em *travesti*, por Lucilia Simões, fazendo o outro papel, cheio de frescura e de belesa dramatica, a distinta actriz Maria de Vasconcelos, que criou no Nacional a formosa peça *O leque de lady Margarida*.

La Goya realiza, com extraordinario interesse dramatico e scenico, oito dos seus maravilhosos numeros, e dizemos que nunca La Goya se preparou para tamanho exito artistico e literario. As suas canções são escolhidas do mais impressionante repertorio espanhol. Repetimos que La Goya—em recita unica—e quem sabe se a ultima em Portugal, ao lado das nossas grandes e queridissimas artistas Lucilia e Amelia—que ela admira com entranhado afecto—vai caprichar em «representar», cantando e chorando, nos seus *entremeses* de dramatica expressão.

A peça de Norberto de Araujo, que abre o espectaculo, esta destinada a um sucesso de publico e de critica.

O nosso camarada não teve tempo de ler o seu original a qualquer dos seus amigos deste jornal, e admiradores, que todos somos, do seu originalissimo esforço dramatico. Mas os bastidores dizem que a gentilissima e eminente actriz, criadora da *Zilda* e da *Marianela*, declara aquele original uma dificilima e impressionante peça de exame. Luís Pereira, o activo e inteligente empresario do Politeama—a quem se deve a concessão da companhia do Politeama subir a S. Carlos nessa noite—satisfez-se em acordar na colaboração da sua actriz queridissima por «Amelia ir interpertar um original português». Robles, artista ilustre e sabedor, discipulo de Augusto Rosa, e apaixonado do teatro português, interpreta um dificilimo papel, e ensaia com carinho invulgar a peça de Norberto de Araujo, *Oh fonte de agua cantante*, na qual, como do titulo se depreende, passa o fado da rua, sem irreverencia nem falta de gosto, antes ao contrario, compondo um quadro dramatico, e ligeiro a um tempo, sobre versos de Augusto Gil, e no qual a ilustre actriz Emilia de Oliveira realiza um lindo tipo popular e humano.

O espectaculo—protegido pela Direcção Geral de Belas Artes—oferece, assim, um encanto unico. Referir-nos-hemos ao original famosissimo de François Coppée, gloria de Sarah Bernardt, e que a grande Lucilia interpreta em *travesti*, como Sarah, a divina, o criou em Paris.

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356
EMPRESA JOSE' LOUREIRO
Companhia Espanhola de Opereta e Zarzuela dirigida pelo 1.º actor PEDRO BARRETO
Ultimas represetações
HOJE, ás 21-15
BENAMOR

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Empresa Conceição Silva, Ltd.
HOJE, ás 20-45
Inauguração das RECITAS DA MODA
Exito colossal da notabilissima
TROUPE RUSSA ELTZOFF
e as artistas Angustias, La Gitana e 4 Girls

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE, ás 9
Recita do maestro LUIZ Gomes com a estreia em Lisboa, em recita unica, das cançonistas Zulma d'Albeiniz e Lusbel completando o espectaculo a opereta de Franz Lehar
A DANÇA DAS LIBELULAS
QUARTA-FEIRA, 15—Rec. de ALICE PANCADA com a opereta Duquesa do Bal-Tabarin

TEATRO DE S. CARLOS TELEFONE C. 3068
HOJE, ás 21-30
Intensa alegria
com a graciosissima comedia
O Sinal de Alarme
Notabilissimo trabalho de Lucilia Simões
Bilhetes á venda, sem licação.
Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00, 30$00, 20$00 e 12$00; galeria, 2$500.

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, ás 9-30
A MASSAROCA
Nascimento Fernandes no papel de «Padre Lino»
Quarta-feira, 15, rec. de Nascimento Fernandes
Quinta-feira, 16 rec. de Gil Ferreira, com a Cristalina
De 22 a 27 do corrente, representações da "Tournée" FRANCE ELLYS para as quais já está aberta assinatura livre.

Teatro MARIA VITORIA
SABADO, 18
A nova revista, por sessões
Rataplan!

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 875
HOJE, ás 21-15
A peça de grande espectaculo
AS TANGERINAS MAGICAS
Exito inegualavel — Absoluto triunfo

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21-15
O mais alegre dos espectaculos
com a notavel comedia
O Abade Constantino
MAGNIFICO DESEMPENHO
Protagonista—Chaby Pinheiro

Distribuem-se
Gratis 100.000 livros
que tratam dos célebres MEDICAMENTOS ALEMÃES do
CURA HEUMANN

O Sr. Cura Ludwig Heumann era um grande filantropo que reunia em si a caridade e a sciencia e que depois de muitos anos de serios estudos scientificos conseguiu compor os seus célebres medicamentos.

O livro do Cura Heumann não é um inutil folheto de propaganda, mas uma obra de verdadeiro valor, de 280 paginas, com muitas ilustrações, contendo capitulos muito interessantes para conservar a saude, medidas higienicas, regimem alimenticio, descripção do corpo humano e funcionamento dos orgãos, com ilustrações, etc., etc.

48 diferentes especialidades scientificas para cura completa de doenças do:

Estomago, Nervos, Pulmões, Bronquios, Figado, Bexiga, Bilis, Rins, Artério-esclerose, Asma, Tosse, Prisão de ventre, Purificação do sangue, Reumatismo, Gota, Dores de cabeça, Herpes, Eczemas, Hemorroidal, Sarna, Ulceras varicôsas, Doenças da pele, Hidropesia, Solitaria, Lombrigas, Escrofulose

Estes livros são de grande utilidade para doentes e sãos, especialmente para os que habitam pequenas povoações, sem medicos e sem farmacias.

200 certificados de medicos alemães e mais de 140.000 cartas de curas obtidas provam a extraordinaria força curativa de estes medicamentos, universalmente conhecidos que se preparam debaixo da direcção tecnica de medicos, farmaceuticos e chimicos segundo os mais modernos inventos de terapeutica nos *Laboratorios de L. HEUMANN* de Nuremberg—Alemanha—que tem sucursaes de venda em Hespanha, Italia, Suissa, França, Suecia, Cuba—America do Norte e outros paizes—sendo conhecidos os nossos preparados em toda a Alemanha, paiz dos grandes progressos da chimica farmaceutica.

O livro do Cura Heumann entrega-se GRATIS no nosso Deposito Geral para Portugal: *FARMACIA CUNHA, R. da Escola Politecnica, 16, 18, Lisboa.* Para pedir um livro para Provincias e Colonias remeta-se este BONUS em envelope cerrado, como carta, devidamente franqueado. ***O livro será remetido gratis,*** sem mais despezas. Quem desejar receber o livro registado, para maior segurança, remeta junto com o BONUS um selo de 40 centavos.

BONUS — Para recortar

A' FARMACIA CUNHA G
Rua da Escola Politécnica, 16, 18—LISBOA
Remeta-me GRATIS e sem mais despezas um LIVRO «HEUMANN»
Nome ....
Profissão ....
Morada ....
Concelho ....
(Escrever sempre bem legivel)

Companhia Portuguesa de Pesca

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Rua 24 de Julho, n.º 2, 1.º, D.

Assembleia Geral Ordinaria

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinaria desta Companhia para o dia 14 de Abril de 1925, ás 15 horas, na rua do Mundo, n.º 20, 1.º (sède da Associação Industrial Portuguesa).

Ordem do Dia

Apreciação, discussão e votação do relatorio e suas conclusões e das contas da Direcção relativas ao exercicio de 1924 e respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Lisboa, 27 de Março de 1925.

O presidente da Assembleia Geral,
Adolfo A. de Oliveira Guimarães.

Pistolas «F. N.», «Walter», «Bayard» e outras marcas. Revolveres, carabinas Flobert e pressão de ar. Munições e acessorios para as mesmas. Tudo aos melhores preços do mercado. Descontos para revenda.

Casa A. M. Silva
R. Betesga, 67 e R. Correeiros 235, 237, 239
TELEFONE N. 4178

CIMENTO "TEJO"
PORTLAND ARTIFICIAL
PREÇOS RESUMIDOS — TELEFONE C. 233
ANTONIO MOREIRA RATO & F.OS, L.DA
RUA 24 DE JULHO, 54-F, LISBOA

Aos Automobilistas
A acreditada vulcanisação de
FRANCISCO BERNARDINO—R. do Telhal, 21
lembra que não mandem concertar os seus pneus e camaras, de ar sem confrontar os preços da sua casa, que é a unica devido á baixa de cambio, que mais barato e com maior perfeição e seriedade executa os seus trabalhos. Tambem tem coberturas novas para pneus, ficando estes com a mesma resistencia de novos. Esta casa é a unica que se responsabilisa pelos seus trabalhos.

A ACTIVA
RUA 24 DE JULHO, 8
TELEFONES C. 3474-1601
sobre
CONSTRUÇÕES CIVIS
e
CARPINTARIA CIVIL

CASA AFRICANA
Rua Augusta, 161
LISBOA
SUCURSAL
R. 31 de Janeiro 220—PORTO
Estação de Verão

Tem já recebido e continúa a receber diariamente grande sortido em todos os artigos das ultimas novidades adquiridas directa e recentemente por um dos seus proprietarios em Paris, Londres, Lyon, *etc.*
Brevemente será feita, com a abertura da Estação, a exposição de todos os artigos, inclusivé uma grande e chic **colecção de modelos em vestidos, manteaux e chapeus,** *ultimas criações dos mais importantes ateliers dos grandes centros da Moda.*

TAPETES DA PONTE DA PEDRA
Unicos depositarios em Lisboa
Brocados, Damascos, Veludos e Peles para estofos
ANTIGUIDADES E DECORAÇÕES
C. de Oliveira, L.da
RUA NOVA DO ALMADA, 53, 2.º

FRANÇA

Briand continua trabalhando na organisação do ministerio

PARIS, 13

Briand prosseguiu durante o dia de ontem nas suas diligencias para a formação do novo gabinete.

Tendo conferenciado de manhã com Painlevé, avistou-se á tarde com Doumergue, a quem comunicou o resultado das conferencias realizadas durante o dia.

A crise ministerial parece encaminhar se para uma proxima solução, pois todos os partidos manifestaram ontem o mais vivo desejo de facilitar a constituição do novo ministerio, no mais breve praso.

Em resultado das conversações havidas, no caso de Briand organizar governo, insistirá junto das Camaras pela ratificação urgente da proposta apresentada por De Monzie sobre uma nova convenção com o Banco de França, bem como pelo saneamento financeiro, votação definitiva do orçamento e restabelecimento do escrutinio por «arrondissement».

Briand prosseguiria a politica externa de Herriot, inspirando-se nos mesmos principios de arbitragem, segurança e desarmamento. — (L.)

Até quarta feira não será resolvida a crise ministerial

PARIS, 13

Na reunião com o grupo republicano socialista, Briand declarou que estava disposto a apoiar-se unicamente na maioria da Camara de 2 de Maio do ano passado, constituida pelos radicais-socialistas, socialistas e esquerda republicana.

O grupo republicano socialista resolveu convocar o Conselho do partido para terça feira, para se pronunciar sobre a politica de apoio ou participação ministerial.

Em consequencia desta convocação, não estará resolvida a crise antes de quarta feira. — (H.)

Só amanhã é que Briand dá uma resposta

Briand conferenciou com os senadores do Grupo Radical Socialista que indicam tambem a necessidade do governo a constituir-se se apoiar na maioria de 2 de Maio do ano passado. Briand, depois dessa conferencia avistou-se com Painlevé e em seguida com o Presidente Doumergue, tendo declarado aos jornalistas que examinaria amanhã de manhã a situação financeira e economica, dando uma resposta ao meio dia ao Presidente Doumergue. — (H.)

Acaba de enviar o seu pedido de demissão, que foi aceite pelo ministro da Instrução Publica, o professor Scelle, cuja colocação na Faculdade de Direito deu logar aos recentes acontecimentos que se deram no Bairro Latino. — (H.)

O Presidente da Republica, terminou as suas consultas, chamando ao Eliseu, a fim de com eles conferenciar, os deputados Adrien Dariac, Loucheur e Louis Marin e o senador Maurice Serrault. — (H.)

A PRESIDENCIA DO REICH

Ludendorff aconselha todos os alemães a elegerem Hindenburgo para Chefe do Estado

Cada vez surgem mais probabilidades de ser o marechal Hindenburgo o futuro presidente da Republica Imperial Alemã.

Os grupos da direita acabam de publicar um apelo aos eleitores, a favor da sua candidatura, preconisando a união de todos os alemães, sem distinção de classes, á roda do nome do marechal.

Julga-se, nos meios bem informados, que a candidatura de Hindenburgo tem ainda muito mais probabilidades de sucesso do que tinha a de Jarres, porque obterá certamente mais dum milhão de votos bavaros com que Jarres não podia contar.

Por seu lado, os social-democratas pronunciam-se a favor da candidatura do dr. Marx.

* * *

Em Munich festejou se ha dias o 60.º aniversario do general Ludendorff, havendo uma marcha «aux-flambeaux» e varias manifestações.

No final, o general dirigiu-se á multidão, dizendo-lhe:

—Tenho conhecimento de que o marechal Hindenburgo, o melhor soldado do antigo Exercito, acaba de aceitar a candidatura á presidencia do Reich. Espero que todos vós compreendais o que significa tal decisão por parte dum homem de 77 anos. Ele serve-nos de exemplo, a todos nós, pelo sacrificio que faz. Espero que todos os bons patriotas farão o possivel para que este homem seja eleito no dia 26 de abril.

* * *

O «comité» Von Loebell declarou tambem que a Liga dos aldõees bavaros se pronunciou igualmente a favor da candidatura do marechal Hindenburgo.

O «comité» director da Liga declarou, porém, que a sua decisão oficial só será publicada por estes dias.

E' provavel que a esquerda da Liga vote, como no primeiro escrutinio, no dr. Marx.

* * *

A imprensa continua a ocupar-se largamente dêste assunto:

O «Zeit», orgão de Stressmann, escreve que estando em causa a unidade e a coesão do grupo da direita, e diante da impossibilidade de proclamar novamente a candidatura de Jarres, os representantes do partido populista no grupo da direita não farão pela sua oposição, fracassar a candidatura do marechal Hindenburgo. Acrescenta o mesmo jornal no que respeita á politica exterior do governo do «Reich», esta será e deve ser continuada.

A «Gazette de Voss» diz que não se trata de Hindenburgo, nem de Marx, mas da paz ou da guerra, do levantamento ou do cáos, da Republica ou da Monarquia.

O «Deutsche Zeitung», nacionalista, declara que ainda ha outro meio para unir, uma vez mais, o povo alemão.

O «National Post», nacionalista, escreve que o facto dos partidos da direita se decidirem a pôr Hindenburgo na primeira fila da luta politica na Alemanha significa que, desta vez, se trata duma partida decisiva.

O «Jornal das oito horas da noite» diz que, com a sua atitude, o partido populista não só abalou a actual coligação governamental, mas pôs em perigo a politica exterior da Alemanha iniciada com tão bons auspicios.

Hindenburgo e Marx dirigem manifestos ao povo alemão

BERLIM, 13. — O marechal Hindenburgo publicou um manifesto, no qual afirma a sua fidelidade á actual Constituição, acima de todos os partidos, bem como a sua fé no povo alemão, que, sem se preocupar com a actual forma de Estado, deve proseguir na actividade, solida e ordinaria, nos negocios, para que a Alemanha atinja o mesmo nivel de antes da guerra.

O ex-chanceler Marx publicou tambem um manifesto convidando o povo alemão a prosseguir na obra de restauração nacional.—(L.)

DE ITALIA

Ontem em Milão inaugurou-se a sexta Feira Internacional

MILÃO 13

A sexta Feira Internacional de Milão foi ontem inaugurada com toda a solenidade.

O Rei fez-se representar pelo Duque Bergamo, e o ministro da economia nacional pronunciou um discurso, no qual poz em relevo o crescente exito da Feira.

Assistiram varios ministros e embaixadores estrangeiros, membros do governo italiano, autoridades e representantes das associações comerciais e industriais, nacionais e estrangeiras, tendo desfilado milhares de pessoas pelos salões de exposição dos mais variados produtos das industrias mundiais.

A comissão organisadora da Feira ofereceu á noite um banquete a todas as individualidades estrangeiras que assistirem á inauguração, o qual decorreu brilhantissimo.—(L.)

ROMA, 13.

São aguardados, n'esta cidade, certa de 300 delegados, representando 30 nações, que veem tomar parte na 11.ª conferencia inter-parlamentar.—(L.)

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	98$50	98$75
Paris	1$06	1$07
Madrid	—	2$95
New-York	—	20$70
Amsterdam	—	8$27
Suiça	—	4$00

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	1$05
Italia	—	$85
Praga	—	$62
Brazil	—	2$30
Libra esterlina	105$00	110$00
Agio do ouro	—	—

NOS MEIOS ACADEMICOS

UMA GREVE de estudantes por causa da "benção das pastas"?

Em Portugal, ha a mania de, a proposito de tudo e de nada, arranjar conflitos, com os quais ninguem lucra e que geralmente trazem grandes prejuizos.

* * *

Vem isto a proposito do que se está passando á roda das cerimonias com que os quintanistas de Direito celebraram a sua despedida.

Os novos doutores incluiram no seu programa uma solenidade religiosa — a «benção da pastas».

Essa cerimonia realizou-se no dia 2 deste mês, tendo revetido um caracter muito interessante. Assistiram todos os quintanistas e muitos populares.

Tratou-se duma solenidade de caracter particular, a que só concorreu quem assim o entendeu.

Pois foi o bastante para que nalguns jonais e no Palamento se censurasse o governo por não a ter proibido, parecendo que houve quem pedisse a demissão do Reitor da Univeridade de Lisboa, o historico republicano e ilustre homem de sciencia sr. dr. Pedro José da Cunha, e dos lentes que assistiram á festividade.

Segundo nos informam, parece que o sr. Ministro da Instrução prometeu censurar aqueles professores pela sua presença na «benção das pastas».

* * *

O boato, espalhado rapidamente, provocou na Academia a maior indiguação. E ha mesmo quem afirme que, a confirmar-se poderá ter consequencias lamentaveis.

Um estudante muito categorizado na organização academica, disse-nos esta tarde:

—A Academia, reconhecendo aos quintanistas, como a qualquer outra pessoa o direito de liberdade absoluta em tudo quanto não fôr contra a lei existente, não admite sequer a mais ligeira, a mais leve desconsideração ao corpo docente da Universidade.

—O reitor...

—Procurou, ao que parece, o sr. ministro da Instrução, levando-lhe o seu pedido de demissão. Esse era o caminho, ante a atitude sectaria dos que viram, na singela e tocante cerimonia, que nada teve de politica, pois que a ela concorreram estudantes de todos os crédos, um perigo para a Republica.

—E o Ministro o que respondeu?

—A questão foi adiada até á reabertura do Parlamento; mas uma coisa que já está arreigada no animo dos estudantes das varias faculdades da Universidade é a ida para a greve, se o conflito continuar, não só para mostrarem ao Reitor a sua muita consideração, mas tambem, para manifestarem o seu protesto e a sua repulsa pelo sectarismo indigena.

INCENDIO a bordo dum barco italiano

Esta tarde declarou-se incendio a bordo do barco italiano *Vitta Nuova*, que estava na doca de Alcantara, carregado de enxofre.

O *Vitta Nuova* foi rebocado para a Cova da Piedade, onde se está procurando extinguir o fogo, com varias agulhetas.

A TARDE POLITICA

"O partido democratico vae vencer as eleições devido aos seus nenhuns escrupulos eleitoraes", diz-nos CUNHA LEAL

Cunha Leal, uma das mais vivas organisações da politica portuguesa e uma das principais figuras de justo e acentuado relevo do partido nacionalista, chegou ontem a Lisboa, e, casualmente, o jornalista o encontrou hoje, descendo a rua Augusta. Claro, desde esse momento a entrevista impunha-se. Mas logo Cunha Leal, percebendo as nossas intenções, nos cortou a pergunta do estylo:

—«Não, meu amigo. Nem uma palavra. Cheguei ontem e sobre politica portuguesa estou em branco.»

Ainda teimâmos. O jornalista teima sempre, mesmo quando lhe dizem redondamente que não. E Cunha Leal, a marcar a sua posição:

—«Impossivel. Nem sequer passei ainda a vista pelos nossos jornais...»

* * *

Cunha Leal dissera que estava em branco sobre a politica portuguesa. O jornalista, como quem desiste da entrevista solicitada, rodeou o assunto.

—E que nos diz da politica francesa?

—Mais civilisada do que a nossa e com um nivel mental superior. Mas, tambem lá os problemas são maiores, o que nos dá no campo das relatividades uma situação igual. Hoje, em politica, não ha situações definidas. Veja a França: uma Camara radical e um Senado conservador—quere dizer, uma politica em desiquilibrio. Daí a necessidade que havia de isolar os socialistas e os monarquicos para uma solução estavel. Não se fez isso. Logo caímos em França numa situação á Vitorino Guimarães, com o sr. Briand a apoiar-se no mesmo cartel de Herriot, mas com menos prestigio do que este...»

* * *

E o jornalista vá de fazer nova pergunta para chegar ao ponto desejado.

—Porque caíu Herriot?

—Pela situação de desiquilibrio que já lhe apontei e porque fez lá o que o sr. Velhinho Correia fez em Portugal—depois de ter garantido que não aumentava um centimo a circulação fiduciaria, aumentou-a em quatro biliões de francos. Depois, para tapar o buraco, tentou um imposto sobre o capital. O Senado percebeu a tempo o jogo e deitou-o a terra.

—Qual é a politica governamental do Senado francês?

—Esta que me parece curiosa e interessante. Só lhe merece confiança um governo que tenha o apoio da Nação e não o apoio de um partido. Tal qual como cá o Partido Nacionalista...

* * *

Era a deixa. Tentamos a pergunta:

—E o Partido Nacionalista voltará a S. Bento?

—Não sei. Bem vê: eu posso ter a minha opinião pessoal, mas aguardo a opinião do Directorio do meu partido. Ele e só ele é que tem voz na materia. Mas acho que a situação não é para sustos. O que é preciso é falar ao Paiz, interessar o Paiz, expor ao Paiz as nossas opiniões. E depois o Paiz que diga, o Paiz que resolva. Quere uma politica conservadora? Vem para nós. Não quere, isso é com ele. Nós é que não temos o direito de cruzar os braços. E não os cruzaremos. A nossa propaganda, que se inaugurará no domingo, em Torres Vedras, continuará. Ainda este mês: Chaves, Vila Real, Porto, Viana do Castelo, Olhão, Evora e Barreiro. Eu por mim, declaro-lhe, não estou absolutamente nada desanimado.

* * *

Outra pergunta:

—E os democraticos vencerão as eleições?

—Se as quiserem vencer, não tenha disso a menor duvida. Partido de nenhuns escrupulos eleitorais se fôr necessario empregar a fôrça para vencer não hesitará um minuto—vencerá pela fôrça. Veja o que se passa comigo! Riscaram-me do caderno eleitoral de Carnaxide-Oeiras porque eu não tenho capacidade de eleitor! Ora, meu caro amigo, isto não é serio, mas é muito do partido democratico.»

* * *

Arriscamos ainda:

—E os conservadores apoial-os-hão?

—Não sei. O que lhe digo é que eles precisam ler o livro «Le Mysthere de la rue de Rivoli» onde Georges Valloit diz ao conde de Lasteyrie, ministro das finanças de Poincaré: «nós somos monarquicos, mas somos plebeus. Você é conde, mas é republicano e ministro de Poincaré. Simplesmente nós acima de monarquicos somos franceses e queremos apoiar uma politica conservadora embora republicana». Isto dá-se em França.

Em Portugal, os nossos monarquicos em vez de auxiliarem as forças conservadoras da Republica, tentam dividi-las e enfranquece-las em favor precisamente das forças radicais. Quere dizer: não desejam a pacificação, pretendem a guerra. Pois bem. Iremos ao país e dir-lhe-hemos o que pensamos da politica nacional. O país ouve-nos e dá-nos votos... Muito bem. Não nos ouve? Nesse caso iremos ao sr. Vitorino Guimarães e dar-lhe-hemos os parabens—porque ele, representante embora do comodismo e da negligencia conservadora, é, de facto, o triunfador».

* * *

E já com medo de uma insistencia:

—Mas os monarquicos acusam-no de lhes ter chamado «miseraveis»...

—Não é verdade. Eu apenas chamei imoral a uma politica que permitiu chasquear e deprimir os homens que na vespera e com risco da propria vida estiveram salvando os haveres e a vida daqueles que depois os ridicularisaram...

E como caindo em si:

—Mas, afinal, isto é conversa ou entrevista?

—Simples conversa...

—Ah! E' que entrevista, não. Eu, por enquanto, nada direi sobre politica portuguesa...

Seja. Mas esta ligeira inconfidencia ha de perdoar-no-la o ilustre *leader* nacionalista, pelo interesse que aos nossos leitores merece a sua opinião autorizada...

O ASSALTO AO COBRADOR

FOI PRESO o "chauffeur" que guiava o "side-car" misterioso

A policia, desta vez, merece os maiores elogios pela maneira como procedeu nas investtigações para a descoberta dos autores do assalto ao cobrador sr. Eduardo Costa.

O chefe Xavier e os agentes Teixeira Delgado e Baptista não têm descansado um minuto.

O chefe Xavier tendo conhecimento de que o «side-car» que transportava os assaltantes tinha o n.º 309, precorreu varias «garages», a fim de o encontrar, vindo por fim a saber que ele se encontrava na Marinha Grande. Chamado ao Governo Civil o seu proprietario declarou que o veiculo ha muito que se encontrava em reparação numa oficina em Lisboa, o que era verdade. Mais declarou que em Lisboa havia na praça, um «side-car» com o n.º 399 que tinha o primeiro 9 feito de tal forma, que á primeira vista se confundia com um 0. O proprietario deste «side-car» é o sr. Mario Pereira Godinho, rua do Lumiar, 79, 2.º, que tem como motociclista João Dias Neves, mais conhecido pelo «João do Rego», um dos melhores «chauffeurs» da praça. O Neves, no dia imediato ao do assalto, despediu-se, andando em negociações para a compra dum «side-car». Entretanto, todos os dias aparecia na praça a protestar contra o assalto, classificando de bandido o motociclista que se havia prestado a colaborar na façanha, pois segundo ele afirmava, havia envergonhado a corporação. Claro que ninguem suspeitava dele.

O chefe Xavier é que se não deu por convencido e tratou de apreender o veiculo e de vigiar a casa do referido motociclista, na rua de Santa Marta, 80, 2.º onde o prendeu.

O dialogo entre o chefe Xavier e o «João do Rego»:

—A culpa que você tem neste caso não é grande, a não ser a de ter tapado um dos numeros do «side-car»...

—Eu não tapei o numero do «side-car». Vou contar tudo: O Damas dirigiu-se-me, na manhã do assalto, e alugou-me a «moto» para o ir levar á rua 24 de Julho em companhia de mais dois individuos, tendo ajustado comigo o preço de 60$00, que me pagou. Dei 40$00 ao meu patrão e eu fiquei com 20$00.

—E não lhe deu tambem oito contos para você o não acusar á policia?

—Não, senhor.

—Para onde seguiram depois do assalto?

—Para o Calhariz de Bemfica. E depois para a Cruz das Oliveiras, onde o Damas enterrou a mala entre a relva.

* * *

A policia está convencida, apesar da negativa do Fontainhas, do Figueiredo e do Damas, de que eles foram os assaltantes do automovel da rua Maria Pia, que se deu na vespera do assalto ao cobrador.

* * *

Esta tarde, os autores do assalto ao cobrador foram enviados para a Boa Hora, acompanhados por 20 guardas fardados e á paisana, tendo antes sido passada uma rusga ás imediações do Governo Civil, e apalpadas todas as criaturas que se tornaram suspeitas.

HERRIOT

O que era secreto, guardado em recatadissimos arcanos, começou a ser materia de boatos.

A opinião francesa alarmou-se e os jornais inquietaram-se.

Para onde vamos nós?

O governo falou da necessidade urgente de acudir ao comercio carecido de numerario. No Senado, o sr. Herriot acrescentou que, com o comercio, tambem o Tesouro vivia em apuros. O sr. Clementel demitiu-se.

A pasta das Finanças passou para o sr. de Monzie que esboçou logo um plano de realização rapida—mais quatro biliões de notas e um emprestimo entre voluntario e obrigatorio que, no fundo, encobria um imposto sobre o capital.

A classe média estremeceu de indignação.

Que finanças são estas que só sabem explorar a propriedade e o pé de meia da França! O Senado poz-se logo de atalaia, com o relator da comissão de Finanças á frente.

Este protestou contra a politica de gastos, a proposito dum credito sobre bolsas de estudo.

Herriot apresentou uma moção de confiança que foi aprovada por um voto de maioria.

Na Camara dos Deputados fez declarações sensacionais sobre a acção financeira do seu governo.

No dia seguinte, o Senado votou a moção Cheron que o condenava. Poincaré aproveitou a ocasião para lhe dar a estocada final.